



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

A COLUNA PRESTES EM

SAO MIGUEL - RN
(1920 - 1930)

ALUNO: RENÉ GUIDA DA SILVA

ORIENTADORA: MARLENE DA SILVA MARIZ

NATAL, 1992-



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

A COLUNA PRESTES EM

SÃO MIGUEL - RN
(1920 - 1930)

Trabalho da disciplina de Pesquisa II
Curso: História
Universidade Federal do Rio Grande do
Norte.

Natal, 1993



"A liberdade é parte da natureza humana; Renunciar à liberdade é renunciar a ser homem, é abrir mão dos direitos de humanidade e até mesmo de seus deveres"

(Jean-Jacques Rousseau)



AGRADECIMENTOS

A DEUS:

"Senhor, que importa que eu esteja na culmeira da da casa ou em seus alicerces, contando que eu seja fiel, bem no meu lugar, na tua construção".

Aos meus queridos pais, que nos encaminharem à sen da do conhecimento, nossa eterna gratidão.

Aos professores, que souberam conduzir-nos com mui ta dedicação pelas avenidas do saber, nosso reconhe ci mento.

Aos colegas, que juntos batalhamos por um ideal ,
nosso estímulo para o futuro.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	04
CAPITULO I	06
1. A Conjuntura brasileira na década de 20	06
1.1. Considerações gerais sobre a conjuntura na década de 20 e os movimentos tenentistas	06
1.2. As primeiras manifestações tenentistas	07
1.3. Decadência da Democracia Liberal	09
1.4. As Revoluções de 1924	10
1.5. O P.C.B. no período de 1922 a 1929	11
1.6. A conjuntura norterio-grandense na década de 20	13
CAPITULO II	17
1. A Marcha da Coluna Prestes no Rio Grande do Norte	17
1.1. A passagem da Coluna Prestes no Rio Grande do Norte e a atuação em São Miguel	21
CAPITULO III	25
1. A Coluna Prestes e os Jagunços do Juazeiro	25
1.1. Como eram os Jagunços	26
1.2. O Ceará durante a passagem da Coluna Prestes.....	27
CONCLUSÃO	29
BIBLIOGRAFIA	30



INTRODUÇÃO

A História nacional registrou durante a década de 20, por diversas vezes, insatisfação de civis e militares contra os processos eleitorais vigentes e prolongado domínio político das oligarquias.

O ano de 1922 marcou o processo histórico brasileiro, através das revoltas de 1922 no Rio de Janeiro, "as 18 do Forte de Copacabana", a de 1923 no Rio Grande do Sul e a de São Paulo, em julho de 1924.

A Marcha da Coluna Prestes é um assunto bastante controvertido na historiografia brasileira, apesar de ter acontecido há mais de meio século. E, embora tenha sido objeto de estudo de inúmeros pesquisadores a nível nacional, continua sendo um tema inacabado, pois são muitas as questões a serem analisadas. Tomamos como campo de estudo a passagem da Coluna Prestes, no Rio Grande do Norte, uma vez que o assunto possui grande relevância ao se tratar de um processo de relações político e social, que afetou a população da época, pelas suas relações e influências, bem como a grande importância que representou para a esquerda do Brasil e do Estado. Estes e outros movimentos são decorrência para uma nova política no país.

Neste trabalho, voltamos nossa atenção para o período entre 1922 e 1930, pois, para que possamos entender a Coluna Prestes e necessário que nos inteiramos dos acontecimentos ante

riores. Iniciando-se, então, estes estudos a partir de 1922 com a ~~cul~~culminação do movimento militar armado, até o momento da tentativa de um movimento militar ou a "Coluna Prestes".

Para que possamos compreender este processo , traçamos como objetivo, a análise de forma crítica da participação dos militares e civis numa missão destinada a reconstruir a nação, os fatores que contribuíram para o desencadear do movimento no Rio Grande do Norte e identificação do nível de aceitação dos norterio grandense, levando-se em conta o nível de conscientização política da época.

Será enfocado não só a Coluna Prestes, no Rio Grande do Norte, mas também a problemática de forma globalizante , levando-se em consideração a conjuntura a nível nacional e internacional.

Para melhor compreensão do movimento no Estado foram utilizados fontes secundárias, bem como a análise de obras publicadas anteriormente, jornais que circulavam na época e entrevista de pessoas que vivenciaram os acontecimentos de 1926, publicadas no Jornal "A República" na série A Coluna Prestes no Rio Grande do Norte na década de 20.

Devido a tentativa revolucionária de 1922 ter sido muito mais abordada pelos estudiosos do assunto no âmbito da conjuntura nacional, é que sentimos a necessidade de se fazer um estudo sistemático do assunto, dando-se ênfase a um espaço mais limitado, "A Coluna Prestes no Rio Grande do Norte".

CAPITULO I

1 - A conjuntura brasileira na década de 20

1.1. Considerações gerais sobre a conjuntura na década de 20
e os movimentos tenentista

A Conjuntura brasileira na década de 20 caracte-
rizava-se por uma estrutura política que é marcada pela dominação
de oligarquias agrárias aliadas sob a hegemonia do ^{setor} econômico prepon-
derante, ou seja, do setor cafeicultor. (1)

Dos grupos sociais excluídos dessa representati-
vidade, os que mais pressionaram por uma abertura do sistema políti-
co e constituíram oposições antioligárquicas foram exatamente aque-
les mais prejudicados pela política econômica da fração oligarquia
hegemônica: as camadas médias urbanas.(2)

Dependência econômica e social originada no fa-
to de que são essas mesmas elites que domina a máquina administrati-
va federal e dos Estados e portanto controlam as possibilidades de
acesso e promoção de seus "parentes pobres". 7

Vinculada a essa dependência econômica - social
origina-se a dependência política: aparecem aí, em sua plenitude ,
os efeitos de dominação pessoal e é nela que deve ser procurada a
explicação para a asfixia da consciência política.(3)

O Exército teria cumprido privilegiadamente es-
se papel de vanguarda política da classe média por ocasião da pro-
clamação da República e governo Floriano Peixoto, assim, como no de

correr da década de 20, através do tenentismo: " a pequena burguesia, privada do espírito associativo, ainda sem a consciência integral dos seus direitos mais sagrados parecia mover-se no vácuo.(4)

A Aliança Liberal promete anistia aos tenentes revolucionários dos anos 20, reforma agrária, proteção ao café. A questão social é enfatizada: deve ser assegurada aos operários " a conquista de 8 horas de trabalho, do salário mínimo, a proteção ao menor e as mulheres, para que não se continue a ofender os brios morais dos nossos trabalhadores com a alegação de que o problema social é um caso de política.^{civ}(5)

1.2. As primeiras Manifestações Tenentista

Com a campanha sucessiva do Presidente Epitácio pessoa, antecipada pelas oligarquias dos grandes Estados, São Paulo e Minas Gerais, desencadeia^{se} um conflito entre as forças armadas e as classes dominante que culmina nas primeiras manifestações tenentista, ou seja, o levante do Forte de Copacabana, da Escola Militar do Realengo, de algumas guarnições da Vila militar da primeira circunscrição militar de Mato Grosso, e de alguns membros isolados do Exército e da Marinha em Niterói.(6)

No início dos anos 20, a rebeldia militar e a atuação da Reação republicana que a ela se entrelaça, se apresentam como a conjugação de dois movimentos que contestou as estruturas políticas básicas da primeira República, de uma forma paralela e coincidente, porém originadas de reivindicações e conflitos dis-

tintos. De um lado a dignidade e honra das Forças Armadas, enquanto guardiãs das instituições republicanas, ofendidas pelos "políticos" e "homens do poder". De outro as tensões regionais das oligarquias dominantes, ou seja, os protestos dos setores oligárquicos, não vinculados diretamente ao café, porém, integralmente participantes das estruturas de poder típicas da primeira República. Oligarquias dissidentes que utilizam em sua luta pelo poder uma insatisfação militar de caráter corporativo, aguçada por uma grande coesão grupal.

A conjuntura do início da década de 20 que analisamos no momento, é marcada também por uma crise cíclica do Capitalismo internacional, a de 1920 refletida imediatamente nos países periféricos por uma retração do volume das exportações e do preço dos produtos primários (as exportações brasileiras de café diminuíram de 13 milhões em 1919, para 11,5 milhões em 1920).

Os tradicionais mecanismos defensivos da economia cafeeira são postos em prática, ou seja, a desvalorização cambial (7) e pela terceira vez é realizada a operação valorizadora do café (8) através de emissões e empréstimos externos. (9)

É amplamente conhecido o efeito de socialização das perdas e privatização dos lucros (10) para o setor cafeeiro que ambas as médias acarretaram, e, daí o aguçamento das tensões regionais das oligarquias dominantes, assim como da insatisfação dos setores médios e populares urbanos.

1.3. Decadência da Democracia Liberal

A crise pela qual passou a democracia no final dos anos 20, teve seu maior golpe com a intervenção do Estado em todos os setores da sociedade. O Estado colocou-se como organizador da economia, e no entanto, foi necessário a utilização do autoritarismo na política.

O Nazismo alemão que era uma fórmula mais aperfeiçoada do Facismo italiano, influenciou em grande escala os governantes desse período.

As camadas mais pobres dos países capitalistas foram sacrificadas na crise mundial iniciada em 1929, levando a classe média a se sentir ameaçada, e a contestar a democracia liberal, o que entretanto, fez com que o governo se mostrasse importante.

Paralelamente a isso o movimento revolucionário anti-capitalista mundial e os partidos comunistas cresciam e consolidavam as suas forças em muitos países, inclusive o Brasil.

O avanço da classe trabalhadora e da doutrina socialista aumentava a medida que a crise capitalista se acentuava.

Em todo país sucederam-se manifestações contra o regime capitalista, os índices de desemprego foram crescendo, trazendo consequências sociais grandes.

O nascimento do facismo, surgindo do pós-guer-

ra, na Itália e o nazismo na Alemanha era de certo modo uma autodefesa do capitalismo.

Os grupos de extrema direita organizaram —se compostos por profissionais liberais e ex-militares, que colocaram-se a disposição dos capitalistas, apavorados pelo avanço da esquerda. Configuravam as idéias do nacionalismo agressivo da Itália, ou racismo na Alemanha, em troca do poder financiado, assegurando a continuidade da ordem.

Portanto, o fascismo pode ser considerado como um indício da debilidade da burguesia, um sintoma de que a burguesia não está mais em condições de dominar pelos mesmos métodos do parlamentarismo e da democracia burguesa, motivo porque se vê obrigado a recorrer a métodos terroristas.(11)

O descontentamento em relação ao governo provisório de Getúlio já não se limitava mais aos comunistas e prestistas, mas se propagava a todas as classes sociais, especialmente às classes médias.(12)

1.4. As Revoluções de 1924

As revoluções de 24 formam um complexo de movimento, levantes, insurreições e tentativas de golpe, frouxamente articuladas em termo organizacionais, porém, mantendo uma unidade, que justificam seu tratamento conjunto.(13)

As reivindicações dos tenentes nessa fase cir-

cunscrevem-se ao nível do político e não há uma percepção dos fundamentos econômicos-sociais da superestrutura política vigente , nem dos choques de interesses de forças sociais antagônicas subjacente à luta estritamente política.(14)

Nos programas e proclamações dos revolucionários, cuja divulgação é agora uma preocupação constante aos tenentes, diversamente das primeiras manifestações de 22 - praticamente não há referência ao econômico, e toda ênfase é dada à necessidade de reformas jurídico-políticas, não com um caráter inovador, mas de implantação rigorosa de estatutos legais pré-existentes.(15)

Essas considerações iniciais sobre o significado mais geral das revoluções de 24 enquanto manifestações do tenentismo, representou um esforço para apreender os movimentos políticos-ideológicos em suas articulações com o econômico, e como conjuntos significativos de relações, porém tentando não cair no vazio das grandes interpretações esquemáticas, que anulam o passo necessário para generalizações, ou seja, as análises concretas de situações concretas, em geral transpondo para a realidade investigada através de analogias superficiais, interpelações elaborada a partir de situações históricas distintas.(16)

1.5. O P.C.B. no período de 1922 a 1929

além de seus possíveis vínculos políticos e organizatórios com a internacional comunista, uma singularidade marcará novamente a fundação do Partido Comunista Brasileiro: a vigên

cia de uma dualidade de estratégia e táticas no seio do novel partido, oriundas de momentos diversos da história da IC (1919-1921 ; 1921-1924). Coexistirão no interior do P.C.B. uma "estratégia ofensiva a curto termo".(17)

As rebeliões "tenentistas" de 1922 e 1924, a primeira reação do então Partido Comunista do Brasil será manter a neutralidade, em benefício do trabalho de organização autônoma.(18)

Em fase das rebeliões "tenentista" de 1922 e 1924, a primeira reação do então Partido Comunista do Brasil será manter a neutralidade, em benefício do trabalho de organização autônoma da classe operária. Entretanto, é só a primeira reação contactada pelos tenentes para colaborar na agitação das ruas, auxiliando a ação militar quando este explodisse.(19)

A teoria da "Revolução democrática - pequeno - burguesa" justificação teórica "em detalhe" da discussão travada no seio do partido sobre a política de aliança com os "tenentes", conduziu ainda em 1928, a um elenco de conclusões e proposta sobre a conjuntura brasileira incrivelmente realista para a época em que foi elaborada.(20)

No Brasil, a preocupação do proletariado e do seu partido em manter a sua independência política e orgânica face às "ditaduras militares" da pequena burguesia revolucionária, traduziu-se num afastamento do PCB em relação ao movimento tenentista e na redicalização (irrealista) de suas palavras de ordem: luta anti

imperialista, reforma agrária, governo operário e camponês, etc .
(21)

O processo de amadurecimento dessas discursões no interior da vanguarda política do movimento operário brasileiro, sobre a validade ou não dos velhos princípios de organizações sindical, está longe de ser claro e podemos nos basear apenas nas intervenções públicas de algumas lideranças registradas na Imprensa libertária da época: voz do povo Spartacus, a vanguarda e outros.(22)

No início dos anos 20, Astrojildo Pereira, tomaria por fim a iniciativa de realizar inúmeras reuniões para discutir o desdobramento da Revolução Russa e o posicionamento de revolucionários brasileiros em face dela. Segundo a constatação de que qualquer obra de reorganização do movimento sindical teria de se inspirar no "programa" da IC: concentração homogeneização, disciplina, ditadura - fora disso, seria reformismo franco ou disfarçado ou dispersão de energias e parolagem (anarquista).(23)

1.6. A conjuntura norterriograndense na década de 20

A década de 20 trouxe modificações na vida pública estadual, através de mudanças na direção do Partido Republicano do Rio Grande do Norte e das lideranças locais.

Tendo sido 1924, o ano das enchentes, determinando a destruição e o aniquilamento de todos os recantos do território do nosso Estado, os prejuízos foram uma séria consequência a

economia privada. As inundações provocaram a morte de muitos animais, destruíram quase toda produção agrícola, arrastando os depósitos de Sal em Areia Branca e Macau e, acarretando uma enorme perda para as rendas do Estado.

O socorro às populações que as enchentes prejudicaram, reconstruções e reajustamentos partiu e foi suportado exclusivamente pelo tesouro do Estado e pequenas iniciativas particulares.(24)

Lampião, o Rei do cangaço, foi convocado pelo Padre Cícero Romão Baptista (o famoso Padroeiro do Nordeste), a fim de que o viesse auxiliar na expulsão da Coluna Prestes, que havia penetrado na região. O bandoleiro atendeu ao chamado e recebeu do Padre Cícero, a patente de Capitão, armas e munições.(25)

Mas, Lampião não tentou corresponder à confiança que nele depositaram seus amigos do Ceará, e não atacou a Coluna nem mesmo de emboscada.(26)

Esta invasão da Coluna Prestes ao Rio Grande do Norte só veio ocorrer em 1926, trazendo mais perdas para o Estado, já tão prejudicado no seu desenvolvimento.

No dia 17 de julho, o Deoclésio Duarte foi incumbido de representar o Rio Grande do Norte na Câmara Federal. Leu o seu discurso dando ênfase aos problemas que os bandos de cangaceiros deixavam no interior dos Estados, e expôs, na sua concepção os meios de solução para o cangaceirismo.(27)

NOTAS

- (1) FORJAZ, Maria Cecília Spina, Tenentismo e político. p. 18
- (2) Id Ibid p. 19
- (3) Id Ibid p. 21
- (4) Id Ibid p. 23
- (5) SKIDMORE, Thomas Brasil de Getúlio e Castelo. p. 22
- (6) FORJAZ, Maria Cecília Spina, op cit p. 33
- (7) Ver Celso Furtado, Formação Econômica do Brasil. Rio de Janeiro Fundo de Cultura. 1959. cap 28: A defesa do Nível de emprego e a concentração da renda.
- (8) Ver Edgar Carone - A República Velha (Instituições e classes sociais), São Paulo, 1970 p. 47
- (9) Ver FORJAZ, Maria Cecília Spina. op. cit. p. 34 - 35.
- (10) Ver Celso Furtado, op cit p. 196
- (11) BASBAU, Leôncio. História Sincera da República. V. 3. São Paulo. Alfa-omega, 1985. p.69
- (12) Id Ibid p. 71
- (13) Ver FORJAZ op. cit 51
- (14) Id Ibid p. 52
- (15) Id Ibid p. 53
- (16) Ver críticas de Baris Fausto às teorias analistas explicativas das sociedade brasileira in A Revolução de 1930, Editora Brasileira, São Paulo. 1970 p. 12 a 19
- (17) ZAIDAM FILHO, Michel - P.C.B. (1922 - 1929). Global universitária, São Paulo 1985 p.23
- (18) Id Ibid p. 29
- (19) Cf E. Dias. História das lutas sociais no Brasil (Rio de Janeiro: Edaglit, 1962), pp. 168 SS; e M. de Lacerda, entre duas revoluções (Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1927), pp. 86 - 105.
- (20) Cf Astrojildo Pereira, " Lá Política brasileira y la situacion del partido, la correspondência sudamericana, 15 - 30/9/1928.
- (21) Ver ZAIDAN, Michel op. cit p. 50 - 51.
- (22) Id Ibid p. 102

- (23) Cf Astrojildo Pereira "Carta a Rodolfo Felipe", 20/08/21, Edgard Rodrigues, Nacionalismo e cultura social (Rio de Janeiro, 1968), p. 407
- (24) CASCUNDO, L. C. "História do Rio Grande do Norte" - 1984.
- (25) QUEIROZ, MIP. - "História do Cangaço" - História Popular Nº 11 1986.
- (26) QUEIROZ, O. "Lampião" 1965.
- (27) Artigo retirado do Jornal - "A República", Nº 149 - 10.07.1927 Nº 150. 12.07.1927.

CAPITULO II

1. A Marcha da Coluna Prestes no Rio Grande do Norte

A Marcha de Prestes no território potiguar pela zona Oeste, fronteira com o Ceará. Governava o Rio Grande do Norte o Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros (1924-27). Ao tomar conhecimento dos avanços dos revolucionários em direção ao nosso Estado, através de um telegrama do Governo Federal, comentou com os seus auxiliares: "A coluna dos rebeldes já saiu do Iguatu. A esta hora caminha para o Rio Grande do Norte. O grupo é reduzido, pois, segundo o telegrama composto de 70 homens. Ao que tudo indica o ponto de invasão será o Município de São Miguel. O Deputado João Pessoa deve ser avisado com urgência para organizar a repulsa, enquanto Luís Júlio se desloca para o centro de operações".(1)

A precipitação dos acontecimentos tinha selado a sorte de São Miguel que havia mesmo de ser decida a bala.

E entre atropêlos e correrias, as confusões e desacertos com que se arregimentavam pacatos sertanejos, transformados de uma hora para outra, em façanudos guerrilheiros, até os dentes, com espingardas e velhos trabucos, que não fariam inveja aos bacamantes dos cabras do bando do brilhante.(2)

E ainda que duvidando da realidade, o coronel João Pessoa assistia à execução dos últimos nos preparativos dos homens que iam empiquetar a estrada na cabeça da serra, na Landeira de Engenho.

O registro do grupo está em documento oficial

(relatório do Major Luís Júlio, apresentado ao Chefe de Polícia) e, segundo informações nele contidas, o chefe político de São Miguel com o concurso das demais autoridades tinha conseguido organizar um núcleo de Patriotas constituindo dos seguintes cidadãos:

Francisco Moreira de Carvalho

Francisco Moreira Filho

José Pessoa de Carvalho

José Augusto Pessoa

Francisco da Costa Queiroz

João Ferreira de Carvalho

Ismael Nogueira de Carvalho

João Pessoa

Miguel Arcanjo Leite

João Lopes Cardoso

José Feitosa

Simplício Queirás

José Fernandes da Silva

Raimundo Lúcio

Francisco Vicente da Silva

José Ferreira da Silva

Cícero Gato

Manoel Sapateiro

Raimundo Pereira

Antônio Ferreira do Nascimento

e mais 4 praças do destacamento local, cabo Francisco Garcia de Araújo, anspeçada Manuel Zumba e soldados Antônio Pinto e Joaquim Luís

juntaram-se-lhe no caminho Manuel Pinheiro Barbosa, Prefeito do Município de Pereira, no Estado do Ceará, e mais três homens que o acompanhavam.(3)

A data e a hora certas da partida dos provisórios de São Miguel estão assinalados através de uma entrevista concedida pelo Deputado João Pessoa de Albuquerque, a um Jornal de Natal dois meses depois da invasão do município, na qual reparta aos seus acontecimentos, informando de princípio:

" As 14 horas do dia 3 de fevereiro, reunir 24 homens armados de rifles... mandando que se entrincheirassem na Ladeira do Engenho, município de Pereira" (Refere-se então aos tiroteios em Canto-Galo, crioulos e na entrada da Vila, pelos diversos contingentes... Além da retaguarda do Sítio Riacho Fundo.(4)

Aquela hora do entardecer, de um sol embaciado, e céu escuro, o grupo armado marchava marchava em formatura irregular, pisando forte sem passo certo.

Ia dirigido pelo cabo Francisco Garcia de Araújo, figura de maior graduação entre os quatro militares, muito embora o comando fosse entregue a Francisco Moreira, homem forte e corajoso, capaz de enfrentar qualquer investida.

Indiferentes, os defensores de São Miguel avançaram pela estrada cheia de altos e baixos de onde se levantava uma poeira fina e avermelhada, cobrindo o horizonte, até que o último homem sumiu-se por detraz da serra. (5)

De repente, antes de atingirem a Ladeira do Engenho, houve o choque imprevisto com o primeiro grupo de reconhecimento dos revoltosos, como o registra o documento oficial (o Relatório do Delegado Especial). Foi a refrega inicial no Sítio Canto-Gallo, seguindo outros combates.

O Canto-Galo foi quem constituiu o batismo de fogo dos micalenses, correram a princípio, as versões mais disparas. O comentarista do tiroteio, que para o povo teve as cores de uma batalha em campo aberto.(6)

Na refrega inicial em curva do caminho, sabe-se da dispersão geral após o deflagrar das armas recompondo Francisco Moreira, no entanto, o grupo defensivo de São Miguel notava-se a falta de um combatente - José Augusto Pessoa, que as 19 horas se antecipara numa corrida chegando em casa, contando tais fatos assombrosos e assombrando, que para muitos era uma estória fantástica . (7)

O Coronel João Pessoa, dirigente municipal, permanecia na rua atento às notícias telegráficas e aos avisos de qualquer ocorrência com os grupos de patriotas, para as providências supletivas. Só as primeira horas matinais, cedendo a instâncias e a

advertência mesmo de um revoltoso preso resolvera sair no dia 4 de fevereiro de 1926 e homoziar-se no Sítio Pató, onde também se achavam o Vigário Tertuliano Fernandes, o Médico Dr. Antônio Gonçalves Vieira, que depois fixou-se no Sul do país, e outras pessoas gradadas.(8)

1. 1. A passagem da Coluna Prestes no Rio Grande do Norte e a autuação em São Miguel.

Dominada a Vila, São Miguel teria de pagar elevados tributos aos invasores.

Esta é a página negra da invasão do município, submetido a total e impiedosa depredação.

Dezoito casas de comércio foram arrombadas a machado ou instrumentos outros, sendo as mercadorias atiradas no meio da rua, e cada um carregava o que podia e queria.

Os revoltosos se reabasteceram de gêneros, de tecidos e de farmácia, que ficou de prateleiras quase vazias.

Nessa altura dos acontecimentos, é o relatório do Major Luiz Júlio, Delegado Especial, que dá conta da situação, mostrando a latitude dos danos causados:

" Na posse da Vila, os rebeldes entraram a saquear os estabelecimentos comerciais dos Senhores Manoel Antônio Nunes, Vicente Ferreira de Souza,

Francisco Moreira de Carvalho,
 Francisco de Almeida Pinheiro Pessoa
 Queiroz, Xavier de Almeida, Dias &
 irmão, Magalhães de Queiroz, Fausto
 Xavier Moreira, Azarias Xavier Rodriguês,
 Vidal da Silva, Eliseu Dias da Cunha,
 Eliseu Dias & cia., Francisco Araújo
 de Souza, Ismael Nogueira de Carvalho,
 João Lopes Cardoso, Gualter Marques
 de Lima, Couto Fonseca, Casa particulares
 dos Senhores João Pessoa de Albuquerque,
 José Avelino Pinheiro, Manoel
 Antônio Nunes, Vicente Ferreira de Souza,
 José do Rêgo Leite e José de Carvalho de
 Araújo e a agência dos correios, danifi-
 cando alguns documentos deste e do Grupo
 Escolar e incendiaram completamente o
 Cartório público, além de muitos animais
 que conduziram de várias fazendas".

Foram também praticados "arrombamentos" e "sa-
 ques" nas repartições Federais, estaduais e municipais em geral, a-
 lém da apreensão de animais, armas, roupas e objetos diversos em vá-
 rios Sítios.(9)

A confusão generalizava-se pelas ruas e crescen-
 tes invasões de grupos dos rebeldes fazia compearem a desordem e sa

destruição. De São Miguel partiram para Luís Gomes, um arraial mais ou menos do mesmo tamanho, próximo à divisa da Paraíba. O arraial de Luís Gomes estava quase abandonado quando a Coluna Prestes o alcançou, no dia 5 de fevereiro.

NOTAS

- (1) NONATO, Raimundo - Os Revoltosos em São Miguel. 1926. p. 11 a 13.
- (2) Id Ibid, p. 66.
- (3) Id Ibid, p. 70 a 71.
- (4) Id Ibid, p. 73.
- (5) Id Ibid, p. 74.
- (6) Ver NONATO, Raimundo - Os Revoltosos em São Miguel. 1926. p. 75.
- (7) Diz-se que conversadas antes de qualquer outra a sua fachada, era bem conhecida, não influenciando no resultado de forma alguma.
- (8) NONATO, Raimundo - Os Revoltosos em São Miguel. 1926. p. 76.
- (9) Id Ibid. p. 93 e 94.

CAPITULO III

1. A Coluna Prestes e os Jagunços do Juazeiro

A Coluna Prestes percorreu o interior do Brasil, adotando táticas de guerrilhas, tentando obter a adesão popular para o movimento, sendo comandada por Luis Carlos Prestes e Miguel Costa. No Ceará, enquanto a Coluna Prestes marchava através do vizinho Estado do Piauí, o deputado Floro Bartolomeu obteve ajuda Federal para os pistoleiros do Vale do Cariri.(1)

Na tentativa de desviar da concentração de Jagunços em Juazeiro - CE, a Coluna Prestes atingiu a divisa do Estado do Rio Grande do Norte, especificamente a cidade de São Miguel, ocasião em que houve um [?]culminando com saques devido a resistência encontrada.(2)

Em Juazeiro, Floro Bartolomeu congregou uma força de uns 500 Jagunços e os despachou para o povoado de Campo Sales perto da divisa do Piauí, a fim de interceptar a Coluna Prestes naquela área.(3)

O Batalhão Patriótico de Floro Bartolomeu permanecia imobilizado em Campos Sales em virtude de uma liderança, um tanto quanto confusa e de dissensões internas, a Coluna Prestes atravessou o Ceará a 50 quilômetros para o Leste.(4)

A passagem da Coluna Prestes pelo Rio Grande do Norte deu-se ^{grnde}todo em vista a concentração de Jagunços ao redor

de Juazeiro, quando os revolucionários marcharam rapidamente em direção Leste, rumo ao extremo Sudoeste do Estado, e no dia 3 de fevereiro alcançou a cidade de São Miguel. Este foi o movimento da passagem da Coluna Prestes pelo Estado do Rio Grande do Norte.

(5)

1.1. Como era os Jagunços

Ao contrário do guerreiro gaúcho, o jagunço, não era teatralmente heróico, quase nunca assumia uma atitude romântica ou fanfarra. Mais tenaz do que o gaúcho, "ele é mais resistente mais perigoso, mais forte mais régo". Procura seu adversário confirma propósito de destruído com todos os meios que disponha "ao contrário do gaúcho o vaqueiro era bom atirador". Avaliando friamente seu inimigo, que dispararia com muito cuidado às vezes parecendo adormecer na mira de sua arma. A emboscada, e não a carga de cavalaria, era o seu modo preferido de combate. Paciente e astucioso na retirada era um demônio ao repelir o inimigo.

(6)

O intruso no Sertão, o invasor que ameaçava a apropriar-se dos escassos bens do vaqueiro, ou que era entregue a seus cuidados pelo patrão, tinha provavelmente a sua frente "colhendo-o pela mira do rifle um homem que odiava com ódio inextinguível" escondido nas sombras de algum matagal.(7)

A Coluna Prestes estava mal preparada para lidar com os Jagunços do Sertão nordestino.(8)

1.2. O Ceará durante a passagem da Coluna Prestes

Durante a passagem da Coluna Prestes pelo Ceará, o céu estava claro e os dias eram quentes e secos: a paisagem era áspera e brilhante com as montanhas erodidas e serrilhadas, emergindo das planícies arenosas e rochosas de cactus e de manchas esparsas de espinheiros. A caatinga estava quase desprovida de folhagem, porque a estação das chuvas ainda não chegara! Alguns salpicos verdes por entre o matagal sem vida, decorriam dos Juazeiros, árvores resistentes; e também ao longo dos leitos secos dos rios, havia fieiras de palmeiras de carnaúba esguias e de raízes profundas, cujas folhas novas secretavam uma cera valiosa para os fabricantes de cera de assealho e de discos fonográficos. Assim, estava o Ceará durante a passagem da Coluna Prestes.(9)

No sertão nordestino, os Jagunços é que constituíam a maior ameaça a vida dos rebeldes.(10)

Pouco depois que estes atravessaram a ferrovia perto de Iguatu no Ceará, o Presidente do vizinho Estado do Rio Grande do Norte recebeu um telegrama do Rio de Janeiro participando-lhe a ocorrência. O alto comando do Exército acreditava que o próximo objetivo rebelde era São Miguel, naquele Estado e sugeriu que o Governo Estadual mandasse uma força para enfrentar os revolucionários que com certeza eram apenas uns 70 homens mal armados. E foi assim que a Coluna Prestes penetrou no Estado do Rio Grande do Norte.(11)

NOTAS

- (1) NEILL, Macaulay. A Coluna Prestes. 2 ed. Rio de Janeiro. Difel 1977. p. 198.
- (2) NONATO, Raimundo. Os Revoltosos em São Miguel. 1926. p..199.
- (3) Ver NEILL, Macaulay. op. cit 185.
- (4) Id Ibid p. 186
- (5) Id Ibid p. 198
- (6) NEILL, Macaulay. op. cit 197
- (7) Anselmo op. cit p. 528 - 529. Waldemar Lima para Miguel Costa, 24 de Janeiro de 1926, in Moreira Lima op. cit, pp. 589 - 590.
- (8) NEILL, Macaulay. A Coluna Prestes. p. 198
- (9) Id Ibid p. 199
- (10) Moreira Lima op. cit 240 - 243, 247; Landercci, op. cit, pp. 112 - 113
- (11) Ver NEILL, Macaulay. p. 199

CONCLUSÃO

Neste trabalho, tentamos fazer a reconstrução histórica, no que há de importante na passagem da Coluna Prestes, no Rio Grande do Norte, tendo como objetivo específico, fazer a divulgação da Revolução, favorecendo a eclosão de movimentos e rebeliões pelo país afora. Essa era a intenção da Coluna Prestes. Ela surge no ano de 1924, quando eclodiu uma das movimentações típicas do tenentismo: A Revolução Paulista de 1924. Desde de 1923. Um grupo de oficiais e alguns civis conspiravam contra o governo de Artur Bernardes. Embora estendida por todo o país, a conspiração concentrava-se em São Paulo, liderada pelo general Isidoro Dias Lopes, pelo Major Miguel Távora e contando com o apoio da força pública estadual.

A Coluna Prestes percorreu o interior do Brasil, adotando táticas de guerrilha; tentando obter a adesão popular para o movimento sendo comandado por Luís Carlos Prestes e Miguel Costa.

Na tentativa de se desviar da concentração de jagunços em Juazeiro - Ce, a Coluna Prestes atingiu a divisa do Estado do Rio Grande do Norte, especificamente em São Miguel, ocasião em que houve um confronto com os jagunços deste município, culminando com saques devido a resistência encontrada.

BIBLIOGRAFIA

- AYRES, Miguel de Castro. O Exército que eu vi. Rio de Janeiro - 1965.
- AMADO, Jorge. O cavaleiro da esperança (Vida de Luís Carlos Prestes), 10 ed. Rio de Janeiro.
- BASBAUM, Leôncio. História sincera da República. São Paulo. Alfa - Omega, 1976, V. 2.
- CARONE, Edgard. A primeira República (1889 - 1920). Texto e Contexto. São Paulo, Difusão Europeia de Livro, 1969.
- CASCUDO, Luís da Câmara. História do Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro, ed. Val. 1965.
- COSTA, Cyro e Eurico de Góis, Sobre a Metralha (História da revolta de São Paulo) 1924.
- FORJAZ, Maria Cecília Spina. Tenentismo e política na primeira República. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- LEAL, Vitor Nunes. Coronelismo, Enxada e Voto. São Paulo, Alfa - Omega.
- LOPEZ, Luís Roberto. História do Brasil Contemporânea. 3 ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987.
- LACERDA, Maurício de. Entre duas Revoluções. Rio de Janeiro, 1927.
- MEDEIROS, Tarcísio da Natividade. Aspectos Geo-Políticos e Antropológicos do Rio Grande do Norte. Natal, Imprensa Universitária , 1973.
- MAIOR, Souto A. História do Brasil. 3 ed. São Paulo - Companhia Editora Nacional, 1973.

- MENDES JUNIOR, A. Maranhão, R. Brasil. História texto e consulta ,
(República Velha), 2 ed. Editora Brasiliense. Vol. 3. 1981.
- MALTA, Otávio. Os "Tenentes" na Revolução Brasileira - Rio de Ja -
neiro, Nova Fronteira, 1980.
- MACAULAY, Neill. A Coluna Prestes. 2 ed. Rio de Janeiro, DIFEL ,
1977.
- MUNES, de Carvalho e Lourenço Moreira Lima. A Coluna Prestes (Mar -
cha e Combate) 2 ed. São Paulo. 1945.
- NONATO, Raimundo. Os revoltosos em São Miguel. 1 ed. Rio de Janei -
ro, 1966.
- SILVA, Hélio. Sangue na Areia de Copacabana. Rio de Janeiro. 1964.
- SANTA, Rosa Virgílio. O sentido do Tenentismo. São Paulo. Alfa - Q
mega, 1976.
- TÁVORA, Juarez. Guisa de Depoimento sobre a Revolução brasileira
de 1964, São Paulo, 1927.
- TEIXEIRA, Anísio Spinola. O alto sertão da Bahia. Revista do Ins -
tituto Geográfico da Bahia. Nº 52. pag. 294 - 303: 1926.
- ZAIDAM FILHO, Michel. PCB (1922 - 1929). São Paulo : Global Uni -
versitário, 1985.